

# A introdução da ginástica nos clubes do Rio de Janeiro do século XIX

*Fabio Faria Peres\**  
*Victor Andrade de Melo\*\**

**Resumo:** Esse estudo tem por objetivo discutir a introdução da ginástica nos clubes do Rio de Janeiro do século XIX, mais especificamente nas agremiações formadas majoritariamente por “nacionais”. Trata-se de uma pesquisa histórica. Como fontes foram utilizados jornais publicados na capital entre os anos 1850 e 1889. Espera-se melhor entender uma importante faceta da presença da prática na sociedade fluminense, uma expressão das mudanças pelas quais passava a cidade e da construção de uma nova sensibilidade pública para as atividades físicas.

**Palavras-chave:** Educação Física. Ginástica. Esporte. História.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1876, assim se posicionou um jornalista:

em todas as manifestações da nossa vida nacional é sempre o elemento brasileiro o mais fraco! A nossa impotência revela-se em tudo: a nossa atonia chegou quase a uma espécie de hibernação para o espirito: a ausência do espirito de collectividade nacional e o instinto depravado da segregação que se observa entre os brasileiros fazem com que o único elemento não vital no nosso paiz seja justamente o elemento brasileiro<sup>1</sup>.

---

\*Pós-Doutorando, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: fabioperes@ymail.com

\*\*Professor, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

<sup>1</sup> O Globo, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1876, p. 1.

Para o colunista, os estrangeiros acabavam preponderando em todas as esferas organizadas da sociedade, inclusive nos clubes ginásticos, uma prova da “falta de vitalidade” dos brasileiros, da falta de interesse pelos “seus próprios destinos”, “pela sua vida no presente e no futuro”. De certa forma, podemos ver aqui, ainda que com traços específicos, uma análise que vai ao encontro da interpretação de que o “insolidarismo” seria uma marca da dinâmica social brasileira, consagrada na obra de Oliveira Vianna (1987).

A tese de Vianna já foi muito contestada, em estudos clássicos, como o de Moraes Filho (1978), e recentes, como o de Fonseca (2008). Esse último autor, ao investigar o perfil do grande número de associações criadas no município da Corte, desde a metade do século XIX, infere que eram espaços de sociabilidade que atendiam a necessidades específicas de certos grupos, ligadas a um exercício possível da cidadania, que tinha em conta os limites do jogo político da ocasião. Isso é, não seriam somente a expressão de um maior exercício (e expectativas) de direitos sociais, como também da construção de novas posturas políticas, que materializavam certa visão de mobilização.

De toda forma, pelo menos no tocante às sociedades ginásticas, na ocasião o jornalista de O Globo tinha lá alguma razão: já existiam duas agremiações de portugueses<sup>2</sup>, uma de franceses<sup>3</sup>, uma de alemães<sup>4</sup> e nenhuma de brasileiros. Observa, errando no número, um anônimo que assina como “Um entusiasmado”: “É vergonhoso para a bella mocidade, haver três clubs gymnasticos estrangeiros, e nem sequer um nacional!! Vamos, vamos, rapaziada! Unamos-nos e levemos avante tão nobre idéia!”<sup>5</sup>. Esse quadro, de fato, logo começaria a mudar.

Esse estudo tem por objetivo discutir a introdução da ginástica nos clubes do Rio de Janeiro do século XIX. Nesse artigo, não vamos

<sup>2</sup> O Clube Ginástico Português foi criado em 1868 e o Congresso Ginástico Português em 1874.

<sup>3</sup> A Sociedade Francesa de Ginástica foi criada em 1863.

<sup>4</sup> A Sociedade Alemã de Ginástica foi criada em 1859.

<sup>5</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1876, p. 3.

nos debruçar sobre as sociedades ligadas a colônias de estrangeiros, mas sim sobre as agremiações formadas majoritariamente por “nacionais”. Trata-se de uma pesquisa histórica. Como fontes foram utilizados jornais publicados na capital entre os anos 1850 e 1889.

Ao lançar um olhar sobre essas agremiações, espera-se melhor entender uma importante faceta da presença da ginástica na sociedade da Corte, expressão das mudanças pelas quais passava a cidade e da construção de uma nova sensibilidade pública para as atividades físicas.

Começemos por discutir uma iniciativa pioneira e de curta duração: a criação, em 1860, do Clube Ginástico.

## **2 BIDEGORRY E A GESTAÇÃO DE UM CAMPO DA GINÁSTICA**

O francês Bernardo Urbano de Bidegorry desempenhou importantes papéis no Rio de Janeiro do século XIX. Entre suas ações mais notáveis, propôs, na década de 1850, a organização de um corpo de bombeiros regular e independente do Exército, de acordo com um regulamento e um *modus operandis* inspirados no modelo de Paris (CASTRO, 2006). Entre suas sugestões, indicava que a ginástica seria a mais adequada forma de preparação dos combatentes do fogo.

Devemos entender essas propostas no cenário do Rio de Janeiro daquele momento. Nos anos 1850, a capital passou por muitas mudanças. Na mesma medida em que cresceu rapidamente a sua estrutura urbana, aumentaram as preocupações com o controle e com a ordem. O recrudescimento das conexões com o mundo europeu, uma relativa estabilidade política e a diversificação da economia nacional ajudam a entender a maior circulação de discursos “civilizatórios” e o maior número iniciativas que buscavam modernizar a sociedade da Corte nos mais diferentes âmbitos.

Nesse cenário, aliás, tornou-se crescente o número de estrangeiros que desembarcavam na cidade à busca de aproveitar

as oportunidades que se abriam em um país que recém começara a se estruturar. Sua atuação foi notável na conformação de vários setores, sendo por vezes considerados como mensageiros do progresso.

Bidegorry chegou ao Brasil em meados da década de 1840. Em 1846, foi contratado para atuar no Arsenal de Guerra, como mestre de ginástica dos menores pobres que na instituição eram acolhidos e como instrutor dos envolvidos com a tarefa de extinguir os incêndios (CASTRO, 2006). Logo se tornou o principal responsável pela “Companhia de Bombeiros”, ganhando fama por sua coragem e suas proezas.

Essa foi somente uma das facetas da presença de Bidegorry na sociedade da Corte. Quando foi demitido o mestre de ginástica do Colégio Pedro II, Frederico Hoppe, se chegou a aventar o seu nome para substituí-lo (CUNHA JUNIOR, 2008). Ainda que tenha sido elogiado pelo reitor da instituição, Joaquim Caetano da Silva, e tenha apresentado excelentes referências, não foi contratado por ter publicado, no *Jornal do Comércio*, um artigo em que afirmava que a única escola que entendera o valor da ginástica era o Colégio São Pedro de Alcântara, posição que ofendeu alguns líderes da prestigiosa escola.

Nessa ocasião, Bidegorry já oferecia seus serviços em periódicos da Corte, como no *Almanak Laemmert*. Na edição de 1848/1849, o vemos apresentar-se como docente em uma sala d’armas localizada na rua dos Barbonos (atual Evaristo da Veiga). Na edição de 1850, se estende mais em sua propaganda. Informa que já fora condecorado com três medalhas francesas de salvamento e que era o diretor do “Gymnasio Normal Militar do Arsenal de Guerra” onde ministrava aulas para ambos os sexos.

Sugeria que suas aulas seriam adequadas para infantes e jovens “de débil constituição, e assim propensos a alguns vícios, tendo algumas deformidades do corpo, extremidades superiores ou inferiores, fraquezas em algumas das articulações, enfim qualquer enfermidade susceptível de ser curada pela gymnastica

orthopedica” (p. 304). Percebe-se que sua proposta é marcada por uma racionalização do uso do corpo, sustentada pelos emergentes saberes médicos e pelas novas tecnologias - processo próximo ao identificado por Vigarello (2004; 2009) na França do século XIX.

Vejamos como um de seus célebres alunos, Alfredo d'Escragnoille Taunay<sup>6</sup>, a ele se referiu em suas memórias:

Falava eu, porém, da minha magreza e debilidade constitucional. Além dos banhos de mar, tomados com toda a constância, comecei a ter lições de ginástica no Arsenal de Guerra dadas pelo respectivo professor dos menores daquele estabelecimento militar, um tal Bidegorry, que ensinava também ao menino Tosta, posteriormente desembargador e barão de Muritiba. Havia igualmente lá, a seguir o curso particular de ginástica, uma mocinha, cujo nome não me ficou, mas cujo traje de blusa e calças não pouco me impressionava (TAUNAY, 2005, p. 41).

A seguirmos a indicação de Taunay, é possível depreender que Bidegorry lecionava não somente para crianças e jovens pobres, como também para pessoas das elites, essas nas suas aulas particulares. Além disso, destaca-se a presença de mulheres entre os discentes. Gestava-se aos poucos uma maior sensibilidade pública para a ginástica, articulada com um mercado que se estruturava ao seu redor.

Bidegorry se propunha até mesmo a ministrar as aulas nas residências dos interessados, inclusive fabricando os instrumentos necessários para tratar as enfermidades. A ginástica era pelo francês concebida, para além de sua potencialidade de contribuição para a melhoria da saúde por meio da preparação corporal, também por uma função curativa, ligada a tratamentos de ortopedia. Chegou a anunciar a fundação, em parceria com o Dr. A. da Costa, do Instituto Ortopédico do Rio de Janeiro, por ele considerado “uma

<sup>6</sup>O Visconde de Taunay foi, entre outras coisas, escritor, engenheiro e político.

necessidade palpitante<sup>7</sup>” no município da Corte<sup>8</sup>. Para o mestre: “O fim da gymnastica hoje não é outra coisa senão dar ao corpo toda a força, todo o vigor e toda a flexibilidade compatíveis com a saúde, sem prejudicar o desenvolvimento das faculdades<sup>9</sup>”.

Pode-se inferir que Bidegorry estava sintonizado com as mudanças que, anos antes, começaram a se delinear na Europa no que tange aos novos usos e sentidos das práticas corporais. No início do século XIX, segundo Vigarello (2003a), se estabelecerá uma “ruptura” e uma “renovação” da visão acerca dos exercícios físicos: a eficácia e a mensuração das performances, bem como a elaboração de gestos e técnicas, eram mobilizadas na concepção de intervenções pedagógicas. Tal processo (do qual o mestre de Bidegorry, o diretor do Ginásio Normal de Paris, Francisco Amorós<sup>10</sup>, foi uma das figuras-chave) resultará em um quadro que, a partir dos anos 1820, comportará:

[...] uma “ginástica ortopédica” igualmente reveladora: um conjunto de movimentos suficientemente precisos, uma mobilização dos músculos suficientemente individualizados para pretender corrigir as curvaturas errôneas do corpo. O que vem confirmando uma descoberta: a de um espaço corporal totalmente atravessado por lógicas mecânicas, a de atos musculares totalmente pensados em razão do seu efeito localizado. [...] O movimento se simplificou de tal forma e os músculos foram tão corretamente distribuídos que uma ortopedia foi se criando a ponto de engendrar ginásios, máquinas e instituições. Estabelecimentos de tratamentos são constituídos em Paris, Lyon, Marseille ou Bordeaux, nos anos de 1820-1830, sugerindo a possibilidade de retificar a aparência daqueles

<sup>7</sup> Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1854, p. 2.

<sup>8</sup> De fato, desde pelo menos 1841, podemos ver na Revista Médica Brasileira os debates, realizados no âmbito da Academia Imperial de Medicina, sobre a necessidade de criação de um Instituto Ginástico Ortopédico (ver edições dos meses de junho, julho e agosto de 1841).

<sup>9</sup> O Americano, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1848, p. 4.

<sup>10</sup> Francisco Amorós (Valência, 1770 – Paris, 1848) é considerado um dos precursores da Educação Física moderna e um dos difusores do ensino da ginástica na França. Para mais informações, ver Sirvent (2005) e Arnal (2009)

cujas formas foram desfavorecidas pela natureza (VIGARELLO, 2003a, p.15)<sup>11</sup>.

Bidegorry também se tornou conhecido por sua atuação em algumas escolas da Corte. No Colégio Santa Cruz, que se apresentava como um dos mais avançados e bem instalados da cidade, dividia as aulas de ginástica e esgrima com Antônio Francisco da Gama, outro renomado professor da ocasião, na época também docente do Colégio Pedro II.

Numa cidade que melhor estruturava seu sistema educacional, o mestre chegou a se oferecer para dirigir e construir ginásios para as escolas interessadas, bem como “fornecer professores que forão seus discípulos”<sup>12</sup>, o que indica que tinha alguma perspectiva de formação em suas atividades. Além disso, Bidegorry participou de alguns eventos no ramo do entretenimento, atuando em disputas de esgrima e como árbitro de lutas.

Foi esse homem dinâmico que assumiu a presidência de uma das pioneiras associações de ginástica que surgiram no Rio de Janeiro: o Clube Ginástico, fundado, em 1860, por “alguns moços do comércio”<sup>13</sup>. Poucos vestígios encontramos dessa agremiação. Sabemos que chegou a funcionar “às quartas e sextas-feiras, das 7 às 10 horas da noite”<sup>14</sup>, horário adequado à jornada de trabalho dos comerciários, e que teve atividades frequentes durante um breve tempo. Na verdade, a iniciativa não teve grande êxito e continuidade.

Um dos motivos para tal talvez tenha sido o agravar dos problemas de saúde de Bidegorry, que veio a falecer, em 1863, de câncer no estômago. Ainda persistiam também, entre os cariocas, desinteresse e restrições à prática da ginástica. De toda forma, as iniciativas do mestre francês são uma expressão de que começava a se gestar uma nova ambiência para os exercícios ginásticos na sociedade da corte.

<sup>11</sup> O trecho também pode ser encontrado em Vigarello e Holt (2008, p. 414).

<sup>12</sup> Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1858, p. 4.

<sup>13</sup> Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1860, p. 1.

<sup>14</sup> Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 9 e 10 de abril de 1860, p. 4.

Em sua biografia é possível entrever as mudanças nos olhares sobre o corpo em processo no século XIX. De um lado, a ginástica (racional, mecânica, higiênica, moral) estabelecia novos mecanismos de controle. De outro, era também expressão da gestação de novos espaços de sociabilidade e entretenimento, ao redor dos quais se gestava um novo mercado. Revela, sobretudo, como tais transformações se deram - ao menos em um primeiro momento - de forma paulatina e limitada, embora com consequências marcantes.

As agremiações ginásticas que surgiram em momento aproximado e na sequência, como vimos, eram ligadas a colônias de estrangeiros. É somente no final da década de 1870 que será fundada a primeira sociedade formada majoritariamente por brasileiros que dedicará atenção à prática.

### **3 CLUBES GYMNASTICOS, ATHLETICOS, SPORTIVOS**

Em 1877, funda-se o primeiro clube de “nacionais” que tem a ginástica como uma de suas atividades centrais: o Congresso Brasileiro. A dinâmica era bem semelhante a das sociedades “estrangeiras” já existentes: oferecia aulas (de dança, esgrima, música e teatro, além de ginástica); organizava encontros, bailes, palestras, reuniões sociais diversas; disponibilizava uma biblioteca, numa sede, localizada na travessa da Barreira<sup>15</sup>, onde também havia jogos de salão e divertimentos diversos<sup>16</sup>.

A criação da agremiação assim é saudada pela Revista *Ilustrada*: “Foi uma ideia tão rapidamente concebida como aceita e executada; mais de quinhentos membros estavam inscriptos logo nos primeiros dias, e o numero avulta de momento a momento com entusiasmo”<sup>17</sup>. A matéria elogia o corpo de associados, formado

---

<sup>15</sup> O Congresso se localizava numa região da cidade marcada pela existência de grande número de entretenimentos (clubes, circos, arenas de touradas, teatros, restaurantes), um quadrilátero formado pela travessa da Barreira, rua do Lavradio, Largo do Rossio e Campo de Santana.

<sup>16</sup> A Reforma, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1877, p. 2.

<sup>17</sup> Revista *Ilustrada*, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1877, p. 2.

por “cavalheiros prestigiosos, influentes e energicos”. Expressasse a esperança de que a instituição cumprisse seus “intuitos civilizatórios”. A iniciativa claramente se inseria numa cidade em que certos setores aspiravam ver modernizada.

Nos anos 1880, a ginástica passou a também ser oferecida em agremiações que tinham um perfil mais claramente ligado às atividades físicas, como era o caso do Clube Atlético Fluminense, criado em 1885, com o intuito de “proporcionar a seus socios, diversos divertimentos tendentes a desenvolver as forças phisicas, como corridas a pé e em velocípedes, exercícios elementares de gymnastica, bilhares e bagatelas, exercícios de patinação, jogos athleticos, tiro ao alvo etc.”<sup>18</sup>. Perceba-se como formação corporal e entretenimento se articulavam na proposta.

Durante muitos anos, as aulas foram ministradas pelo professor Alvaro Gentil<sup>19</sup>, celebradas pela imprensa como “louvavel intuito de proporcionar aos sócios uteis e salutareos exercícios”<sup>20</sup>. Com o decorrer do tempo, a diretoria investiu em melhorias do espaço destinado a essas classes, com a compra de novos aparelhos e a construção de um pavilhão próprio. Em algumas propagandas da agremiação, podemos perceber que estavam matriculados jovens e adultos, mas também crianças a partir dos 8 anos de idade. Como estímulo, os melhores alunos eram premiados com medalhas de ouro e prata.

O jornalista de O Paiz percebe o quanto a criação dessa agremiação tem relação com um processo de valorização social das atividades físicas: “O gosto pelos exercícios gymnasticos vai se desenvolvendo tanto, que já não bastam aos amadores [...] as arenas que já existem. Tratam de crear novas, e nesse progresso é provável que cada bairro, cada subúrbio tenha a sua”<sup>21</sup>. Na verdade, há uma curiosa ocorrência nos periódicos: frequentemente fundem-se as

<sup>18</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1885, p. 2.

<sup>19</sup> Não conseguimos mais informações sobre esse mestre. Aparentemente seu método de trabalho era o ensino de acrobacias, fazendo uso do trapézio e de barras fixas.

<sup>20</sup> Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1885, p. 1.

<sup>21</sup> O Paiz, Rio de Janeiro, 13 de março de 1885, p. 1.

ideias de “gymnastico” e “sportivo”, ambos tidos como sinônimos de valorização de uma nova postura, mais ativa e relacionada tanto à prática de exercícios quanto a uma vida pública mais intensa.

A acreditarmos na informação de O Paiz, houve rápida adesão ao Clube Atlético. Em junho do ano de fundação, já possuía 1.200 sócios. Com isso, pode se dar ao luxo de construir, em uma chácara localizada na rua Conde de Bonfim, belas instalações: raia oval para corridas a pé e de velocípedes; pista para patinação; espaços bem aparelhados para ginástica, esgrima e tiro ao alvo; arquibancada para 1.400 pessoas<sup>22</sup>.

Os seus eventos, normalmente dominicais, desde a inauguração atraíram grande público. Destacava-se pelos jornais a grande presença de mulheres, bem como o clima descontraído que imperava. Devemos observar que, mesmo com limitações, colunas de gás garantiam a possibilidade de iluminação noturna, ampliando o período de funcionamento. O clube tornou-se ainda mais atrativo com a diversificação de sua programação, com a incorporação de atividades musicais e outros entretenimentos.

É curioso ver como, mesmo sendo um clube “athletico”, por vezes por lá se apresentaram espetáculos mais afeitos aos circos. Por exemplo, em 16 de maio de 1886 houve a ascensão de um balão, uma atração sempre apreciada na cidade<sup>23</sup>. Já em 31 de outubro do mesmo ano, gerou grande expectativa uma exibição de cobras e onças<sup>24</sup>.

Devemos lembrar, aliás, que se a princípio os eventos eram exclusivos para sócios e convidados, logo passou a ser possível a todos o acesso, bastando pagar um bilhete de entrada (1\$000 para a geral, 2\$000 para a arquibancada). Trata-se de mais um indício de que havia um trânsito de referências nos diversos espaços que se estruturavam ao redor de um mercado de entretenimento que se gestava.

<sup>22</sup> O Paiz, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1885, p. 1.

<sup>23</sup> Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1886, p. 2.

<sup>24</sup> Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1886, p. 3.

A ginástica era também uma atração frequente nos eventos do Clube Atlético. Em algumas ocasiões, houve visitas de sociedades ginásticas. No início de 1886, por exemplo, o Clube Ginástico Português, “incorporado, música à frente e estandarte desfraldado”, esteve presente numa festividade, ocasião celebrada como prova dos “sentimentos de fraternidade” entre as agremiações<sup>25</sup>. Mais do que apresentar sua habilidade nos exercícios ginásticos, os lusitanos ainda fizeram, para delírio do público, uma exibição de esgrima: “destreza, ataque prompto, defesa rápida [...], além do pulso forte e posição elegante”<sup>26</sup>.

A sociedade carioca estava sedenta por novidades e fortes emoções. A despeito dos discursos de controle que cercavam a ginástica, não poucas vezes a prática se aproximava mais do oposto: do entusiasmo ocasionado pelas proezas inusitadas tão bem dramatizadas pelos exercícios circenses. Em maior ou menor grau, os diferentes espetáculos compartilhavam algo de sua dinâmica.

Houve ainda páreos de corridas a pé exclusivamente organizados para os alunos da ginástica; de toda maneira, de forma espontânea eles já participavam de algumas provas. De fato, havia um trânsito de participantes entre as diferentes modalidades oferecidas pelo clube.

Além disso, os “gimnásticos”, assim como ocorria em outras sociedades, tomavam parte ativa nas atividades beneficentes pela agremiação promovidas, como era o caso dos “bandos precatórios”, um desfile público no qual se recolhiam donativos para alguma causa. Mais do que pela caridade em si, com essas ações os clubes exibiam seu compromisso social, propagandeando seu valor.

Uma agremiação de perfil semelhante, fundada alguns anos antes (1883), em Niterói, também concedia bom espaço para a ginástica: o Clube Olímpico Guanabareense. Seus eventos eram dedicados prioritariamente às corridas a pé e de velocípedes,

<sup>25</sup> Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1886, p. 1.

<sup>26</sup> Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1886, p. 2.

provavelmente tendo sido um dos primeiros do país a promover essas competições de bicicletas.

Como no caso do Clube Atlético Fluminense, era comum a apresentação de exercícios ginásticos nos eventos organizados pelo Olímpico, normalmente promovida por membros das sociedades ginásticas. Vejamos o anúncio das corridas de 20 de abril de 1884: “distinctos sócios do Real Club Gymnastico Portuguez prestam se generosamente a fazer exercícios de esgrima e executar trabalhos de gymnastica durante o intervalo”<sup>27</sup>.

Como de costume, os exercícios executados foram os de barra fixa e paralelas, entusiasmando o público presente. O que o jornalista do periódico *Brazil* chama de “bom methodo, gosto e elegancia”<sup>28</sup> não se deve confundir com as atividades típicas dos métodos ginásticos. Estava mesmo mais próximo das acrobacias que tanto encantava a todos nos circos. Não surpreende saber, aliás, que, nas corridas de 12 de julho de 1885, tenham se apresentado, no mesmo espaço que era ocupado pelas sociedades, os “artistas do circo Anglo-Brasileiro”<sup>29</sup>.

Em outubro de 1884, a diretoria, “com o fim de satisfazer um de seus compromissos sociaes”, anuncia a fundação de uma escola de ginástica para associados: “Não há quem desconheça os proveitos destes exercícios, que, além de serem boa hygiene, vigoram e robustecem o organismo, e na Europa, como entre nós e sobretudo nos Estados Unidos tem se colhido os mais excelentes resultados desse útil ensinamento”<sup>30</sup>. A busca de conexão com o “mundo civilizado” marcava o caráter “civilizatório” da iniciativa.

Por certo, o crescimento dessas preocupações com a educação do corpo e o aumento no número de clubes e associações tem relação com as novas exigências da modernidade, com os novos arranjos sociais e parâmetros de saúde e civilidade (VIGARELLO, 2003a; VIGARELLO, HOLT, 2008). As referências aos

<sup>27</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1884, p. 6.

<sup>28</sup> *Brazil*, Rio de Janeiro, 22 de abril de 1884, p. 2.

<sup>29</sup> *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1885, p. 2.

<sup>30</sup> *Brazil*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1884, p. 2.

continentes europeu e americano sugerem o compartilhamento de tais perspectivas na conformação da sociedade carioca.

Nesse cenário, por um lado, a valorização da ginástica tem a ver com a expectativa de vinculação entre os domínios físico, moral e intelectual no processo de formação da juventude. Nos termos de Gondra (2004), tratava-se da “utopia de uma educação integral”. Por outro lado, a importância que o assunto passa a ter, por suas possíveis contribuições ao corpo per se, está associada ao processo cada vez mais intenso de construção e legitimação do saber médico-científico; ou seja, ao “surgimento da ideologia da higiene” (CHALHOUB, 1996).

Contudo, estejamos atentos. O discurso da validade da ginástica era de natureza científica (os benefícios para a saúde) e cultural (a conexão com o mundo “civilizado”), mas a prática cotidiana nas agremiações se aproximava mesmo da dinâmica circense. Não se tratava exatamente de uma incoerência, mas sim de peculiaridades daquele cenário, em que ainda era uma novidade e em que havia grande trânsito de influências entre os diversos espaços onde se manifestava, mesmo que médicos e pedagogos condenassem o modelo mais afeito aos entretenimentos.

Aliás, é necessário colocar em perspectiva a força do discurso higienista na vida social da Corte naquele momento, assim como se deve desconfiar das interpretações que reforçam a ideia de que havia uma reprodução linear de processos ocorridos em outros países no contexto brasileiro. Não só as concepções de saúde e as experiências em torno das formas de curar e prevenir doenças eram plurais e controversas no Segundo Reinado, incluindo frequentemente saberes “não científicos” (EDLER, 1998; SAMPAIO, 2001; FERREIRA, 2003), como também as condições específicas e concretas do Império o afastavam da possibilidade de ser um fac-símile europeu em terras sul-americanas (ainda que tentativas nesse sentido possam ter sido empreendidas).

A relação entre ideias, estrutura e formação social fez com que a ginástica tivesse um sentido particular na dinâmica social brasileira

do século XIX, embora com semelhanças com outros países (MELO, PERES, 2013)<sup>31</sup>. A “lenta difusão” de que falam Vigarello e Holt (2008) parece não apenas ter ganho novos contornos, como possivelmente se deu de maneira bem eclética e complexa.

A propósito, vale lembrar que além das sociedades ginásticas e dos clubes atléticos, devemos citar outra importante agremiação “sportiva” que oferecia a ginástica: o Clube de Regatas Guanabarenses, uma das mais importantes associações do remo brasileiro, fundada em 1874. Entre seus fins, além de “Dar regatas de embarcações a remos, a vela e a vapor”, previa-se o estabelecimento de “uma escola de natação e gymnastica.”(BRASIL, 1878, p. 904)

Não conseguimos maiores informações sobre essa escola de ginástica. Apenas descobrimos que ela, de fato, funcionou. Além disso, é interessante observar que as sociedades ginásticas criaram equipes de remo para participar das regatas organizadas pelo Guanabarenses.

Ao comentar o “páreo dos clubes”, disputado nas regatas de 8 de setembro de 1881, sugere um jornalista: “é um dos que o Club de Regatas tem mais empenho em tornar tradicional. Como se vê, a emulação estabelecida entre as diversas sociedades não pode senão trazer maior esplendor a essas festas. Os que perdem uma vez, ficam com o desejo da desforra”<sup>32</sup>. Essa competição, marcada pela emoção das disputas, aumentava a visibilidade das agremiações e servia para celebrar a fraternidade entre as congêneres.

Por fim, vale citar o caso da colônia inglesa, que não chegou a fundar uma sociedade ginástica própria, inclusive porque não fazia parte de sua tradição esse tipo de clube. Entre as suas associações, todavia, os exercícios ginásticos também se tornaram comuns. Esse foi o caso no The British and American Club, no British Amateur Athletic Sports Association (Sociedade Inglesa de Jogos Athleticos) e no Club Athletico Anglo-Brazileiro.

<sup>31</sup> MELO, V. A., PERES, F. F. O corpo da nação: posicionamentos governamentais sobre a educação física no Brasil monárquico. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, 2013. no prelo. (Obras no prelo não constam das referências finais).

<sup>32</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1881, p. 1.

#### 4 TAMBÉM NOS CLUBES SOCIAIS

Se em algumas agremiações a valorização da ginástica é mais óbvia, por ter relação direta com seu perfil, em outras é uma presença mais curiosa, o que para nós é um indício valioso de como a prática se difundia e ganhava notoriedade na sociedade da Corte.

A ginástica, por exemplo, marcou presença em algumas iniciativas assistenciais de estratos econômicos mais baixos. Empregados do comércio, ao se reunirem para fundar o Clube Progressista, decidiram: “Que se promovesse, quanto antes, a aquisição ou posse de um salão onde, nos domingos e dias santificados, os empregados das casas commerciaes podessem entregar-se à leitura, à gymnastica, à musica e outros passatempos tão dignos como estes”<sup>33</sup>. Já a Sociedade Litteraria de Beneficencia Vinte e Quatro de Julho, ao construir um edificio para oferecer aulas gratuitas, não deixou de reservar uma sala para cursos de ginástica<sup>34</sup>.

Curioso também é o caso do Club Marcolino, fundado em 1878, que se apresentava como “Sociedade para proteger os animais”<sup>35</sup>. Já no primeiro ano de funcionamento, um anúncio informava o início das aulas de esgrima (a cargo do já citado Antônio Francisco da Gama), de equitação (a cargo de Marcolino R. da Costa Junior, oficial do exército, futuro professor da Escola Militar) e de ginástica (a cargo de Marc Periraz, que atuara na Sociedade Francesa de Ginástica)<sup>36</sup>.

Também a Sociedade Recreativa A. São José, adedicada à promoção de bailes e saraus, inseria apresentações da modalidade em seus eventos, como podemos ver nessa notícia sobre uma festa realizada para celebrar a posse de uma nova diretoria: “Seguiram-se trabalhos de gymnastica, em um trapesio preparado na sala

<sup>33</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1879, p. 1.

<sup>34</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1877, p. 2.

<sup>35</sup> Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1878, p. 515.

<sup>36</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1878, p. 2.

principal do edifício, onde alguns sócios amadores, vestidos apropriadamente e com gosto, fizeram brilhaturas e receberam muitas palmas<sup>37</sup>. Apresentavam-se nessas ocasiões os alunos de sua própria escola de ginástica<sup>38</sup>. M. Salvador Vieira foi um dos primeiros mestres, sendo sucedido por Guilherme Somaini, que atuou durante anos e parece ter sido muito admirado por seus pupilos.

Já o Clube das Laranjeiras, fundado em 1885, com sede na Praça Duque de Caxias (atual Largo do Machado), agremiação que possuía perfil semelhante ao do São José, não explicitava oferecer aulas de ginástica, mas informava possuir uma sala de esgrima. Essa instalação também havia no prestigioso Club Beethoven, criado em 1882, centralmente dedicado às atividades musicais<sup>39</sup>. De fato, ainda que se cruze com a ginástica, a esgrima merece uma discussão à parte, inclusive por ser uma espécie de elo entre as práticas de antigo e novo regime.

Na cidade, havia muitas sociedades dramáticas. Curiosamente uma delas, que também promovia eventos dançantes, oferecia aulas de ginástica e esgrima: o Clube Ginásio Fluminense, que tinha sede em São Cristóvão<sup>40</sup>. Já o Clube Terpsychore, das mais importantes agremiações de dança do Rio de Janeiro, cuja sede se localizava no Catete, possuía uma diretoria exclusiva para a ginástica e para a esgrima, conduzida por S. Reimão<sup>41</sup>. Ao inaugurar seu estandarte, aliás, escolheu o Congresso Ginástico Português como padrinho<sup>42</sup>.

Por fim, devemos falar do interessante caso do Clube de Equitação Luso-Brasileiro, fundado em 1885, na rua do Riachuelo. Era um empreendimento privado, em forma de agremiação social, que também oferecia aulas de ginástica, lecionadas por Luiza Araújo (havia classes exclusivamente femininas) e João Gentil,

<sup>37</sup> Semana, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1887, p. 3.

<sup>38</sup> O Paiz, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1887, p. 3.

<sup>39</sup> Para mais informações sobre esse clube, ver Silva (2007).

<sup>40</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1877, p. 3.

<sup>41</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1884, p. 2.

<sup>42</sup> Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1888, p. 3.

respectivamente mulher e filho do dono do estabelecimento, Genelicio Gentil, um dos primeiros praticantes da equitação no país.

O estabelecimento oferecia também aulas dessa modalidade<sup>43</sup>, ministradas por Luiz Jacome de Abreu e Souza, um dos principais responsáveis por desenvolver, no Brasil, a equitação e outras práticas com cavalos<sup>44</sup>, inclusive no Exército.

Aliás, se entre os militares, até mesmo em função de mudanças nas suas escolas de formação<sup>45</sup>, as atividades físicas foram ganhando espaço e relevância, não surpreende que o Clube Naval, cujos sócios eram “todos officiaes da armada ou das classes annexas”, adotasse como um de seus intuitos promover jogos de “força e dextresa”<sup>46</sup>, como a esgrima, a natação e a ginástica.

A ginástica, enfim, de ilustre desconhecida, foi, no decorrer de duas décadas, se transformando em uma prática valorizada pelos clubes e pela sociedade como um todo, presença cada vez maior no cotidiano do Rio de Janeiro, articulada com as mudanças pelas quais passava a capital do Império.

## 5 CONCLUSÃO

Nas décadas finais do século XIX, muitos clubes recreativos surgiram na cidade e nas redondezas (especialmente em Niterói), uma boa parte deles de alguma forma envolvidos com a ginástica. Essa multiplicidade de agremiações - com graus e traços diversos de sociabilidade e vida associativa - permite visualizar o processo de configuração das redes sociais existentes no Império brasileiro.

Por um lado, é possível interpretar a emergência e proliferação desses grupos como uma construção de interações sociais, ainda

<sup>43</sup> Havia também a possibilidade de alugar cavalos para passeios. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1886, p. 3.

<sup>44</sup> Luis Jacome atuou em várias cidades, notadamente Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro.

<sup>45</sup> Para mais informações, ver Alves (2008).

<sup>46</sup> Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1886, p. 1528.

que temporárias, entre atores que não apenas aqueles ligados aos círculos mais imediatos (como família, ofício, classe etc.). A ginástica, por meio de aulas, apresentações ou festividades, era uma das práticas que estimularia essa convivência em espaços de acesso público, ainda que com regras estritamente privadas.

Em alguma medida, tais instituições se constituiriam em espaços de “sociabilidades alargadas” (AGIER, 1999), nos quais era possível a construção de redes mais amplas de relação, quando comparadas aos círculos rigidamente regulados e estratificados. Parece-nos que o desenvolvimento paulatino de um mercado ao redor da ginástica, entendida como uma estratégia articulada de educação e diversão, favoreceu tal processo, permitindo que estratos sociais diversificados, mesmo que de forma não necessariamente harmoniosa e estável, tivessem acesso a novas práticas sociais que se legitimavam nesse processo.

Por outro lado, as sociabilidades presentes nesses espaços sociais podem ser lidas como resultado e, ao mesmo tempo, reforço do seu caráter interclassista, em que se fomentariam as relações entre “iguais”, à busca de um grau de homogeneidade marcada pela articulação significativa com o estrato e a origem social. A ênfase estava na valorização das interações que buscavam se distinguir e definir fronteiras daqueles que são considerados os “outros”.

Sem dúvida, qualquer tentativa de separação categórica (sociabilidade entre iguais, de um lado, e entre diferentes, de outro) implicaria em uma redução da compreensão da existência empírica de cada um desses clubes. Afinal, essas formas de sociabilidade não podem ser encontradas em estado perfeito ou puro; devem ser concebidas como uma abstração que acentua determinadas características definidoras (e não normativas). A classificação é, nesse sentido, um recurso que guia e facilita a exposição e a análise dos componentes e causalidades das agremiações, podendo assumir importância para a compreensão das suas diversas configurações.

Assim, essas sociedades - ligadas ou não a “nacionalidades”, restritas ou não a determinadas camadas sociais, envolvendo

diversas formas de participação e pertencimento - articulavam e acentuavam, ora mais, ora menos, as duas formas de construção da vida coletiva, tendo a ginástica como um dos elos de conexão.

Sem dúvida, por outro lado, a emergência e o aumento do número desses clubes estão relacionados à construção de novas “sensibilidades públicas” (CORBIN, 2001; VIGARELLO, 2003b), associadas, em parte, ao discurso moral, civilizador e médico que passo a passo consolidará as bases de sua legitimidade no decorrer do século XIX.

De toda forma, a trajetória e o espraiamento de tais agremiações na sociedade da Corte lançam luz sobre como a difusão e popularização da ginástica na cidade se deu de forma multifacetada, através de um conjunto variado de atores, ideias e instituições, não necessariamente excludentes.

Deve-se ter em conta a peculiaridade da prática naquele momento. Era atração nos circos, começava a entrar nas escolas, era entendida como dimensão de saúde, nas forças armadas era considerada como importante para a defesa nacional, estava presente nos clubes. Em nenhuma das esferas, ela se manifestava de forma “pura”. Eram comuns e constantes os trânsitos e influências. Não era uma coisa ou outra. Era muitas coisas complexamente mescladas. Talvez seja mais adequado mesmo falar em “ginásticas”, muitas ginásticas.

**La introducción de la gimnasia en los clubs del Rio de Janeiro en el siglo XIX**

**Resumen:** Este estudio tiene el objetivo de discutir la introducción de la gimnasia en los clubs de Río de Janeiro en el siglo XIX, específicamente en las asociaciones formadas por “nacionales”. Se trata de una investigación histórica; se utilizaron como fuentes los diarios publicados en la ciudad entre los años 1850 y 1889. Intentase mejor entender un aspecto importante de la presencia de la práctica en la sociedad, una expresión de los cambios en la ciudad y de la construcción de una nueva sensibilidad pública para las actividades físicas.

**Palabras-clave:** Educación Física. Gimnasia. Deporte. Historia.

**The introduction of gymnastic in the 19th century Rio de Janeiro clubs**

**Abstract:** This study aims to discuss the introduction of gymnastics in 19th Rio de Janeiro clubs, specifically in the associations formed largely by Brazilians citizen. It is a historical research; as sources it were used newspapers published in the capital between 1850 and 1889. It expected to better understand an important aspect of the presence of the practice in society, an expression of the changes that passed the city and of the construction of a new public sensitivity to the physical activities.

**Keywords:** Physical Education. Gymnastics. Sport. History.

## REFERENCIAS

A REFORMA, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1877.

AGIER, Michel. **L'Invention de la ville**. Paris: Archives Contemporaines, 1999.

ALMANAK LAEMMERT, Rio de Janeiro, 1848/1849.

ALMANAK LAEMMERT, Rio de Janeiro, 1850.

ALMANAK LAEMMERT, Rio de Janeiro, 1878.

ALMANAK LAEMMERT, Rio de Janeiro, 1886.

ALVES, Claudia. Educação e identidade no discurso militar do século XIX. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 38, p. 191-211, jan./jun. 2008.

ARNAL, Thierry. **La révolution des mouvements**: gymnastique, morale et démocratie au temps d'Amoros (1818-1838). Paris: L'Harmattan, 2009.

BRASIL. Decreto nº 7.122, de 28 de dezembro de 1878. Aprova os estatutos do Club de Regatas Guanabareense. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, v.1, p. 904, 1878. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7122-28-dezembro-1878-548250-publicacaooriginal-63270-pe.html>>. Acesso em: 26 maio 2013.

BRAZIL, Rio de Janeiro, 22 de abril de 1884.

BRAZIL, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1884.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Artífices de Fogo. **Revista DaCultura**, v. 6, n. 11, p. 32-41, 2006.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

CORBIN, Alain. História dos tempos livres. In: CORBIN, Alain (Org.). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001. p. 5-19.

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1854.

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1858.

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1860.

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, 9 e 10 de abril de 1860.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **Imperial Collegio de Pedro II**: o ensino secundário da boa sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1886.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1886.

EDLER, F. C. A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. **Asclepio**, Madrid, v. L-2, p. 169-186, 1998.

FERREIRA, L. O. Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney *et. al.* (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Unicamp, 2003. p. 101-122.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. **No gozo dos direitos civis**: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916. Niterói: Muiraquitã, 2008.

GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1885.

GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1885.

**Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 471-493, abr./jun. de 2014.

GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1886.

GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1886.

GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1886.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1876.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1877.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1877.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1878.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1879.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1881.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1884.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1884.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1885.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1888.

GONDRA, José G. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

MORAES FILHO, Evaristo. **O problema do sindicato único**: seus fundamentos sociológicos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

O AMERICANO, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1848.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1876.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 13 de março de 1885.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1885.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1887.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1877.

SAMPAIO, G. R. **Nas trincheiras da cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Campinas: Unicamp, 2001.

SCHETINO, André. **Pedalando na modernidade**: a bicicleta e o ciclismo na transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

SEMANA, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1887.

SILVA, Janaina Giroto da. **Profusão de luzes**: os concertos nos clubes musicais e

no Conservatório de Música do Império. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. Disponível em: < [http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/janaina\\_girtotto.pdf](http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/janaina_girtotto.pdf)>. Acesso em: 3 maio 2013.

SIRVENT, Rafael Fernández. **Francisco Amorós y los inicios de la Educación Física moderna**: biografía de un funcionario al servicio de España y Francia. Alicante: Universidad de Alicante, 2005.

TAUNAY, Alfredo d'Escragonle. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

VIANNA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1987. v. 1 - Populações rurais do Centro-Sul

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. **Pró-posições**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 21-29, maio/ago. 2003b.

VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003a.

VIGARELLO, Georges. **Le corps redressé**: histoire d'un pouvoir pédagogique. Paris: Armand Colin, 2004.

VIGARELLO, Georges. Préface. *In*: ARNAL, Thierry. **La révolution des mouvements**: gymnastique, morale et démocratie au temps d'Amoros (1818-1838). Paris: L'Harmattan, 2009. p. 7-9.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. v. 2. p. 393-478.

Endereço para correspondência:

PPGHC/IH/UFRJ -

Largo de São Francisco de Paula n.1, sala 311 -

Centro - Rio de Janeiro - RJ -

CEP 20051-070.

Recebido em: 04.08.2013

Aprovado em: 06.02.2014